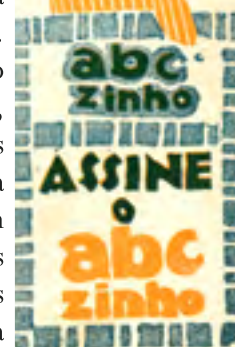




## Separatas e construções de armar

As separatas das revistas, hoje quase esquecidas, são como os brindes do bolo-rei: uma oferta adicional no interior dos fascículos, um hábito construído ao longo da publicação, que constituía um fator de diferenciação da revista na eterna luta pela preferência dos leitores.

As publicações infantis e, em particular, as de banda desenhada, começaram a oferecer separatas de pequeno formato a partir de 1903, na revista *O Gafanhoto*. Mas a revista em que se daria um salto quantitativo e de grande qualidade seria o *ABCzinho*, de Cottinelli Telmo. A versatilidade das suas separatas era extraordinária, considerando que se estava em 1921. As construções eram litografadas a duas cores e apresentavam animais estilizados, figuras animadas, o hidroavião Lusitânia (uma construção memorável oferecida logo após a travessia do Atlântico Sul em 1922), um teatro de brincar iluminado e com vários cenários, uma aldeia com as suas casinhas, e um presépio já a cores, sem esquecer as mobílias e os fatinhos das bonecas. Quase todos os 171 números da 1ª série do *ABCzinho* ofereceram uma separata. No entanto nos 350 números das séries posteriores nenhuma separata foi dada aos leitores.



No virar da década de 1920, os jornais começaram também a oferecer separatas com material infantil que incluía por vezes construções de armar. Relembrem-se o *Notícias Miudinho*, do *Diário de Notícias* e o *Pim-Pam-Pum*, de *O Século*. É claro que esta prática também se estendeu ao *Cócoróco*, de António Cardoso Lopes (Tiotónio) que desenharia construções de grande criatividade: jogos, um automóvel, uma carroça, uma locomotiva... O ano era 1928.

Em 1932, nasce o *Tic-Tac* que tem, desde cedo, separatas com jogos e construções de armar: navios, incluindo um cruzador, aviões, a Torre de Belém e tem, pela primeira vez, fotografias de artistas de cinema da época. As revistas que se publicaram nos anos seguintes, *O Senhor Doutor*, em 1933, e *O Papagaio*, em 1935, cumpriram as expectativas dos leitores. *O Papagaio* ofereceu, pela primeira vez, folhas transparentes para as leitoras fazerem bordados, vestidos e modelos de naperons. Uma construção do Castelo de Guimarães em 16 folhas estabeleceu um recorde de extensão até essa data e um livrinho com uma história completa em banda desenhada, de Júlio Resende, foi uma inovação que teria sequência noutras publicações.

O número de folhas do Castelo de Guimarães seria em breve ultrapassado pelas 52 folhas da *Embaixada do Século XVIII* publicada pel'*O Senhor Doutor* que assim estabelecia um máximo que se manteria imbatível. Noutros números foram oferecidos barcos, um comboio, um dirigível (construção também vendida isolada e impressa em cartolina) e fotos de artistas de cinema.

O ano de 1936 marca um novo patamar nas construções de armar, através da revista *O Mosquito* que, a partir do nº 5, passa a inserir veículos de todo o tipo, navios comerciais e de guerra (como o couraçado inglês Nelson e um porta-aviões), aeronaves (com particular realce para os aviões dos Aliados e da Alemanha nazi publicados durante a guerra), o Castelo de S. Jorge, a praça de touros do Campo Pequeno, presépios, igrejas, edifícios rurais, uma aldeia de índios com todos os aprestos que normalmente se esperaria encontrar nesses acampamentos, artistas de cinema em fotos de pequeno formato, jogos, vestidos e mobílias para as bonecas, armas, etc. Duas das separatas mais célebres desta revista foram a Torre de Belém e o jogo dos combates aéreos, que seriam também vendidas individualmente, esta última com um tabuleiro de grande formato. *O Mosquito* publicaria também *A Formiga*, um suplemento destinado às leitoras. Mas que não era uma novidade, uma vez que o *Tic-Tac* tinha *O Rabanete*, e *O Senhor Doutor* oferecia *O Faisca*, ambos feitos com a colaboração dos leitores. Importa ainda mencionar *O Diabrete*, publicado a partir de janeiro de 1941. Além das construções de armar, como o edifício do *Diário de Notícias* e o Mosteiro de Leça do Balio, houve jogos, fotos de artistas e cadernos com histórias em quadradinhos, a revista também publicou romances nas páginas centrais.





Página da frente: Parte da capa da Revista *ABC*, n.100, 1922  
Em cima: Carro de colonos - separata de *O Mosquito*  
desenhada por Eduardo Teixeira Coelho

Na década de 1950, a Agência Portuguesa de Revistas reorientou a noção de separata através das suas edições, em particular *a Plateia* e *O Mundo de Aventuras*. A primeira publicou sobretudo fotografias de artistas de boa qualidade e a cores, enquanto a segunda apresentou fotografias de desportistas, equipas de futebol, estadistas, cromos colecionáveis em álbuns, etc. Ainda nos anos 50 o *Cavaleiro Andante* terá um papel importante nesta área com a publicação de jogos, cromos colecionáveis que habilitavam a concursos, e suplementos como o memorável *O Pajem*, publicado a partir do n.º 27, com histórias aos quadradinhos, do «Quim e Manecas», de Stuart Carvalhais e «O Templo do Sol», de Hergé.

Uma outra revista a recordar é o *Titã* (1954-1955), que ofereceu, separatas com ilustrações sobre temas de cultura geral. No mesmo campo da cultura inserem-se as separatas com uniformes militares e os cromos, em ambos os casos desenhados por José Garcês, e publicados nos anos 60, na 2.ª série do *Camarada*.

Na década de 1970, destaca-se *O Jornal do Cuto*, da Portugal Press, que oferecia separatas em formato de poster, e publicava o suplemento *A Formiga* e os 108 memoráveis *Quadros da História de Portugal*, com base em guaches originais de Carlos Alberto Santos. Nesta época haverá uma proliferação de revistas de banda desenhada, mas que não incluíam separatas. Algumas, no entanto, prolongavam as capas em badanas que podiam ser cortadas e onde se encontravam cromos de futebolistas e outros.



Os anos 80 marcam o final, não só da maior parte das revistas de banda desenhada, mas também das separatas e das construções de armar. No entanto, como sempre, há uma exceção. Trata-se de *O Nosso Amiguinho*, da Publicadora SerVir, que ofereceu cerca de 400 separatas diferentes, impressas em cartolina e com temas variados: calendários, máscaras, jogos, navios, presépios, etc.

Embora no campo das revistas as construções de armar se tenham quase extinguido, não quer dizer que tenham acabado. Na verdade, elas já existiam como produto vendável antes de serem oferecidas em separatas e continuaram até hoje a ser editadas e comercializadas isoladamente. A Agência Portuguesa de Revistas publicou mais de uma centena de folhas com meninas e meninos e os seus vestidos e fatinhos, muitas desenhadas por Carlos Alberto Santos, e outras, por Enriqueta Bombón, adquiridas à editora espanhola Bruguera. A Majora publicou também muitas folhas deste tipo, e com casas das províncias de Portugal.

José Garcês, um dos maiores ilustradores portugueses contemporâneos, projetou e desenhou para lançamento pelas Edições ASA, doze casas regionais e um conjunto de monumentos portugueses: o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, além de uma caravela, todos em grande formato.

António Velez, um dos maiores artistas portugueses de construções de armar, desenhou casas de várias regiões portuguesas que lançou no mercado. Também os bonecos de Manuel Piló foram publicados como construções; o Metro do Porto lançou um comboio em cartolina; a Câmara de Lisboa associou-se à publicação do Convento do Carmo e a Agência para a Promoção da Guarda à publicação da Sé daquela cidade Beirã.

Somam-se às anteriores construções, as oferecidas, por produtos alimentares ou casas comerciais, e que têm como alvo o mercado infantil. São disso exemplo as aldeias do Astérix oferecidas pela *Favorita* ou pelo iogurte *Longa Vida*; o *Carrocel Mágico* com o Franjinhãs e restantes personagens, da *Olá*, as folhas com bonecas e vestidos oferecidos pelo *Lidl*.

As construções de armar não acabaram, e mesmo as revistas há muito extintas moram aqui e ali, em fundos de gavetas ou caixas esquecidas, de onde são recuperadas para delícia dos colecionadores que algum dia experimentaram o desespero das dobras que não acertavam e o encanto esquivo da construção perfeita.

Carlos Gonçalves / Carlos Moreno / João Manuel Mimoso

